

Brasil paga seus débitos atrasados

O diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, revelou ontem que o volume de compromissos externos do País em atraso caiu para menos de US\$ 2 bilhões e que a adesão ao novo jumbo atingiu, na última sexta-feira, US\$ 6.004 bilhões. Informou ainda que o País devia, no final de junho último, a bancos brasileiros com agências no exterior US\$ 7,08 bilhões, cifra correspondente a 9,3% da dívida registrada do Brasil.

Madeira Serrano convocou a imprensa para esclarecer que a elevação da dívida renegociada com o Clube de Paris dos US\$ 2,4 bilhões para US\$ 3,84 bilhões não alterou o endividamento global do País. Segundo ele, o total da dívida junto aos bancos privados cairá US\$ 1,4 bilhão para compensar o aumento dos compromissos renegociados com os governos dos dezoito países membros do Clube de Paris.

A redução das dívidas em atraso para menos de US\$ 2 bilhões, contra US\$ 2,53 bilhões ao final de agosto último, refletiu o acúmulo de disponibilidade de caixa e a rolagem da dívida junto ao Clube de Paris. Para zerar os atrasados e começar o próximo ano "com colchão de caixa", o Brasil espera o presidente do comitê de assessoramento da fase 2 da renegociação da dívida externa, William Rhodes, "bater o martelo" para fechar o novo jumbo de US\$ 6,5 bilhões, a tempo dos bancos privados anteciparem, antes do final do ano, US\$ 3 bilhões.

De acordo com as projeções do Banco Central, o Fundo Monetário Internacional (FMI) liberará amanhã duas parcelas retidas do financiamento ampliado ao Brasil, no total de US\$ 825 milhões. Esses recursos servirão para o País pagar, amanhã mesmo, parte dos US\$ 1,09 bilhão do empréstimo-ponte que tomou no final de 1982 junto ao Banco de Compensações Internacionais (BIS).

Mas o diretor do Banco Central informou que os bancos privados só desembolsarão os US\$ 1,58 bilhão retidos do jumbo de fevereiro último entre os dias 12 e 15 de dezembro. O Brasil utilizará esses recursos para liquidar a dívida de curto prazo de US\$ 1,2 bilhão com os próprios bancos privados e reduzir o total dos compromissos em atraso.

A eliminação dos atrasados dependerá do fechamento do novo jumbo. "Não existe uma data fatal para a assinatura do contrato do jumbo" - disse Madeira Serrano, enquanto o presidente do Banco, Afonso Celso Pastore, espera



Serrano

ter o empréstimo de US\$ 6,5 bilhões contratados no dia 15 do próximo mês para que a antecipação de US\$ 3 bilhões ocorra sete dias depois.

Para Madeira Serrano, importante é que "toda a orquestração" do jumbo termine até 31 de dezembro. Afirmou não ter condições de informar aos bancos que ainda resistem à adesão ao novo empréstimo, mas garantiu que não passam de simples atrasos nas respostas. O diretor do Banco Central observou que os grandes bancos "estão afinados com o Brasil e conhecem a importância da adesão ao programa brasileiro".

Os números divulgados por Madeira Serrano dão conta de que,

até o final da semana passada, quinze dias após a data final da resposta ao convite de adesão ao jumbo, o País assegurara 92,3% do total solicitado. Mesmo assim, o diretor do Banco Central destacou que "não há surpresa na montagem final do jumbo, uma vez que as últimas decisões são sempre mais lentas". Para compensar as respostas atrasadas, explicou que os bancos "podem apressar as formalidades" da contratação do empréstimo.

Madeira Serrano revelou que os bancos brasileiros internaram o saldo histórico de US\$ 6,91 bilhões no País em empréstimos em moeda e US\$ 168,4 milhões em financiamentos a importações, até junho último. Como o País congelou, este ano e no próximo, as amortizações da dívida, os bancos brasileiros com agências no exterior precisarão, até por questão de solvência, da manutenção pelos bancos estrangeiros de US\$ 6 bilhões em depósitos interbancários.

A exemplo do jumbo, o Brasil também precisa fechar o "pacote" de US\$ 2,5 bilhões de créditos oficiais a importações brasileiras. O Eximbank dos Estados Unidos mantém a concessão de garantias de crédito de US\$ 1,5 bilhão, mas falta o comprometimento dos organismos dos países industrializados com a parcela restante de US\$ 1 bilhão.

O diretor do Banco Central disse que a conclusão das negociações com o Clube de Paris "agilizará" as decisões dos outros governos. Lembrou que a garantia aos financiamentos às exportações locais traduz interesse de governo: "Quem não aderir à linha de crédito comercial terá menos capacidade de exportar ao Brasil".